

A HISTÓRIA DE UBERLÂNDIA POR UM OUTRO VIÉS – A SOCIEDADE DO TRABALHO

Maria Clara Tomáz Machado*

... *“DO NOSSO PONTO DE VISTA A FAÇANHA DE LOCKE FOI JUSTAMENTE DE ULTRAPASSAR A CONCEPÇÃO PARTICULARISTA E PONTUAL DE SOCIEDADE E DE TRABALHO PRODUZIDA PELAS ALIANÇAS CORPORATIVAS E INSTAURAR UMA CONCEPÇÃO DE TRABALHO EM GERAL FUNDADORA DO MUNDO COMUM, UNITÁRIO, QUE ELE PRÓPRIO DESIGNARÁ DE SOCIEDADE CIVIL”.*

... *“EM SUMA, O MUNDO NA ÉPOCA BURGUESA É CONCEBIDO DE PONTA A PONTA COMO UMA SOCIEDADE DO TRABALHO”.*

Edgar De Decca

(do texto “trabalho X sociedade” – UNICAMP)

1. INTRODUÇÃO

Desmistificar a história da sociedade Uberlandense relatada pelo discurso oficial e detectar a possibilidade de várias leituras, mesmo através da única documentação disponível, aquela deixada pela classe dominante, é o nosso objetivo.

Este trabalho faz parte de um projeto maior de pesquisa que pretendemos desenvolver como dissertação de mestrado e que tem como tema: “A institucionalização da pobreza na sociedade burguesa do século XX: suas formas de controle e resistência” (Uberlândia, 1960-1980).

A título de contribuição, pensamos que neste primeiro momento da pesquisa em que remexemos na documentação sobre a História de Uberlândia e que algumas conclusões parciais já puderam ser elaboradas, a sua publicação poderia, quem sabe, vir a servir de subsídio para os professores de 1º grau que, especificamente na 2ª série, trabalham com a História do Município.

2. A SOCIEDADE DO TRABALHO

À sociedade capitalista pode-se imputar o codinome de sociedade do trabalho. Nela, a produção para mercado, a reprodução do capital e conseqüentemente do po-

* Professora do Departamento de Ciências Sociais da UFU

der só se realizam sob a expropriação do trabalho do outro.

Dessa forma, o tempo de trabalho que obedecia ao ritmo da natureza e às necessidades da sobrevivência se modifica para um tempo de trabalho racional e contabilizado, cientificamente controlado, possibilitando a acumulação e reprodução do capital.

É assim que o homem vê modificada a sua medida de tempo de trabalho rotineiro que realizava de forma cíclica, sob o comando da natureza para um tempo abstrato, linear, exterior a si mesmo – um novo tempo de dominação. Esse novo tempo do trabalho obedece não a lógica interna do homem, mas a lógica do capital definida através de um mecanismo que o domina e o disciplina – o relógio.¹

Esse novo tempo de trabalho só foi possível concretizar-se na medida que expropriou o homem das suas condições objetivas de trabalho. Isto significou retirar do homem as suas próprias ferramentas de trabalho, destruindo-lhe a maneira de produzir, tornando-o apenas um apêndice do processo produtivo ditado pela máquina. Com isso, evidentemente, foram destruídas também as suas antigas relações sociais de produção, onde o trabalho social envolvia relações pessoais de camaradagem, laços afetivos, cortados definitivamente, substituídos por relações sociais puramente convencionais de acordo com os objetivos da produção e do mercado. A divisão social do trabalho se acentua, de forma que o homem passa a ser apenas peça de uma grande engrenagem no processo produtivo, uma mercadoria a mais a ser vendida como força de trabalho no mercado capitalista, através de um salário que mistifica a sua própria exploração².

Evidentemente que esse novo tempo não foi tão fácil de concretizar-se. Sua viabilização só foi possível mediante a violência e a força do capital, aliadas a eficazes medidas de disciplinarização do trabalhador.

Ao lado de todas as medidas repressivas, o mundo burguês construiu um ideário moralizante do trabalho, que ao mesmo tempo lhe possibilitava justificar as desigualdades sociais, assegurar-lhe a propriedade privada e o controle do poder. Assim é que o trabalho aparece como a única forma possível de garantir a realização indivi-

1. E. P. THOMPSON. "Tiempo, Disciplina de Trabajo y Capitalismo Industrial". In: Tradición, Revuelta y conciencia de clase. Jacques Lè Goff. "O tempo do trabalho na crise do século XIX". In: Por um novo conceito de Idade Média.

2. Karl MARX. O capital: crítica da economia política. Trad. de Regis Babosa e Flávio R. Kothe. São Paulo, Abril Cultural, 1983, cap. I, XIII, XIV, XV.

dual e o progresso da sociedade. Mistificando a exploração e o conflito de classes, capitalistas e trabalhadores aparecem como os produtores de uma nova sociedade baseada na ordem e no progresso e portanto no trabalho. Daí toda a moralização burguesa construída para a dignificação do trabalho. O homem só pode constatar sua honestidade e valor através do trabalho – o único capaz de lhe garantir um lugar na sociedade.

Uberlândia, uma sociedade capitalista que se constitui a partir dos fins do século XIX, tem como pressuposto básico de sua “história” a ordem e o progresso construídos ao longo do tempo pelo “trabalho” de sua gente, deixando velada no seu discurso a exploração e as contradições sociais. Oficialmente a história urbana da sociedade Uberlandense se inicia quando “o governo da Província por lei nº 3.643 de 31 de agosto de 1888 elevou a antiga Villa de São Pedro de Uberabinha á categoria de cidade e sede da Comarca de Primeira Entrância, o que lhe garantia a autonomia judiciária”.³

Perseguir o progresso é objeto das forças capitalistas que aqui se estabeleceram. Uberlândia, uma sociedade capitalista que ideologicamente mistifica a exploração do trabalho, as desigualdades sociais e os conflitos de classe, constrói uma imagem de sociedade que reflete o progresso através da ordem e do trabalho. Progresso esse que o capital como força laboriosa “conquista” para “toda” a sociedade que aqui vive, progresso esse forjado sob a imagem de uma sociedade ordeira, laboriosa e passiva – moralizada de ponta a ponta pelo ideário burguês.

*“Quem vem de São Paulo pela Mogyana, avista-a de uma légua de distância, muito branca e sorridente, lá em baixo, sobresahindo pela sua altura, as torres da matriz. Dir-se-ia uma noiva esperando o seu prometido companheiro, que neste caso será o progresso”.*⁴

*“A população hospitaleira, franca e activa, concorrendo tudo isso para seu engrandecimento. O povo é laborioso e inteligente. Enquanto os homens trabalham nas roças, as mulheres dos aggregados fiam e tecem. Todos cuidam com amor de sua obrigação. Aqui não se conhece ociosidade”.*⁵

*“A população de Uberabinha, franca e leal, mongerada e hospitaleira, inteligente e activa enveredou desassombradamente pela senda luminosa e tudo faz crer que a passos largos continuará a ir avante, sem vacilações e sem desfalecimentos”.*⁶

E desta forma, Uberlândia, descolada da imagem de sociedade, adquire a forma materializada de cidade, que governada pelo trabalho percorre a trilha do progresso.

3. Conego Pedro PEZZUTI. Município de Uberabinha: história, administração, finanças e economia. Uberabinha, Oficinas Livraria Kosmos, 1922, p. 23-24.

4. Roberto CAPRI. Município de Uberabinha: physico, econômico, administrativo e suas riquezas naturais e agrícolas. São Paulo, Capri - Andrade SC. Editores, 1916, p. 21.

5. CAPRI, op. cit., p. 43.

6. PEZZUTI, op. cit., p. 29.

*"Evidentemente só é possível se chamar de "bella e moderna" uma cidade de interior, quando viajando se sente muito de perto o calor da evolução, a febre espantosa de construções de embelezamento, de hygiene e do progresso geral em todos os setores".*⁷

Evidentemente, torna-se omissa no discurso burguês, que percorre a história de Uberlândia, o vulto daquele que cotidianamente, através da exploração do seu trabalho, tornou possível o progresso. Este passa a ser o resultado do trabalho mútuo que, sem "contradições sociais" se define no vago conceito de povo e que laboriosamente constrói o seu tempo histórico.

". . . Uberlândia, a cidade milagrosa, nasceu da pequenina Uberabinha, foi marcada pela providência divina".

*". . . Uberlândia engrandece os seus habitantes, é o orgulho do Brasil Central. O seu povo não conhece fronteiras, na alma de seu povo, floresce a virtude, na vida crepitante, reside o mistério inconfundível do seu progresso e do adeantamento sobre todos os aspectos".*⁸

O tempo na sociedade Uberlandense é pontuado pelo relógio, marcado historicamente pela racionalidade que caracteriza o capital, descaracterizando o homem enquanto ser humano, para assumir a identidade da máquina.

*"O tempo não pára em sua marcha inflexível no caminho meteórico em direção ao infinito, vai aos poucos apagando. E Uberlândia cidade trepidante, terra de trabalho intenso, onde os homens não tem tempo para sentimentalismo – foi infelizmente esquecendo os vultos da Uberabinha de quase um século atrás".*⁹

O crescimento urbano de Uberlândia constituiu-se no seu atestado de progresso, obedecendo o seu traçado urbano e arquitetônico a um planejamento racional do capital. O seu conceito de beleza deve se unir ao de acumulação e reprodução do capital. Assim, o comércio, o neon, o arranhacéu, o asfalto, atestado do progresso, se vincula ao céu bordado de estrelas. E aquilo que é velho para os padrões arquitetônicos do concreto e do aço deve ser destruído para não manchar sua imagem de cidade de progresso.

*". . . Cumpre, pois aos animadores do seu progresso surpreendente fazer desaparecer do centro urbano o anachronismo de tantíssimas habitações que a desembelezam, o rudimentarismo dos muros que nada aproveitam à economia e bem estar colectivos e, sobretudo, fazer realçar as perspectivas com variados e multiformes estylos em que se harmonisem a esthetica, a commodidade e a elegancia, contribuindo, em conjunto, para um dos mais densos movimentos populacionais de que resulte maior desenvoltura artística economica e commercial – factores esses essenciaes ao engrandecimento cidadão".*¹⁰

7. UBERLÂNDIA. A tribuna, Uberlândia, nº 1.074, 30 jan. 1937

8. CIDADE encantadora. O correio de Uberlândia, nº 4.119, 07 abr. 1965

9. UMA data na história de Uberlândia. O correio de Uberlândia, nº 4388, 11 jul. 1956

10. CASAS e varandas. A tribuna. Uberlândia, nº 1016, 04 jun. 1936

Porém a Uberlândia de 1961, a cidade trepidante, a monumental Uberlândia do progresso e do trabalho, do asfalto e do gás-neon dista longa, longa etapa do vilarejo fundado por um mestre-escola.

Hoje é Uberlândia. Capital miniaturizada. Um aglomerado de pessoas que trabalham incessantemente. Uma agitação constante.

Arranha-céus se erguem.

O tapete de asfalto cobre seu solo, onde o progresso transita sobre rodas de borracha.

É a Uberlândia regorgitante de luz quando sua noite maravilhosa estende o véu bordado de estrelas.

O neon multicolorido, a cidade em apelos de vendas, anunciando e atraindo.

Uma cidade comercial que se compromete. É encantadora aos olhos do visitante. Formosa pela sua beleza. Orgulhosa em sua grandeza de verdadeira capital".¹¹

As várias fontes historiográficas que relatam como causa do vertiginoso progresso da região a sua posição geográfica não nos convenceram.

... "interposto quasi unico de todo movimento agrícola e commercial de vastíssimas e opulentas regiões, Uberabinha, dada a sua feliz collocação, tomou-se pela força das circunstâncias, o empório natural de todo o movimento que a ferrovia Mogyana escóda para os grandes centros da população e para o littoral".¹²

... "As condições económicas de Uberlândia graças à vantagem que lhe proporciona sua situação geográfica acentuam-se no desenvolvimento dos setores agro-pecuários-industrial e comercial do município".¹³

... "Essa arracada inicial da economia do Município dá-se particularmente pela sua proximidade com a região mineira de Paracatú, no Noroeste do Estado, que chega a abrigar algumas centenas de milhares de pessoas; e de outro lado, pela posição geográfica que o situava a caminho de outras regiões mineiras em Goiás e Mato Grosso".¹⁴

Para nós, o que explica a posição de Uberlândia hoje, como a 2ª cidade mineira em arrecadação Municipal no Estado de Minas Gerais, é a força do capital que aqui se instalou desde os seus primórdios – dono de um projeto político que objetivava tornar a região a mais rica e próspera do Triângulo Mineiro e conseqüentemente de Minas Gerais.

11. Marçal COSTA. "Uberlândia, 73 anos de Existência e trabalho". O correio de Uberlândia. nº 9.241, 03 Ago 1961

12. PEZZUTI, op. cit. p.30.

13. UBERLÂNDIA um grande empório comercial do triângulo mineiro. Correio de Uberlândia, nº 1239, 22 Ago. 1943

14. Zaire REZENDE. Proposta para a ação do governo municipal e PMDE. Uberlândia, 1982, p. 14.

... "homens que rasgaram com os dedos e com as máquinas o coração dos cerrados – aí está Uberlândia atirando seus pés de asfalto aos nincozes mais longínquos como uma catapulta ao desenvolvimento plantada no portal dos sertões do centro-oeste".

... "entre meados da década de 50 a 70, quando os embates rodoviários foram ferrenhos exigiram dos homens responsáveis pelos destinos da cidade que enfrentassem as pedras e os escolhos com abnegação e denodo".¹⁵

E mais evidente se torna a associação do desenvolvimento da cidade de Uberlândia com os interesses da classe capitalista que o promove, mas que não o produz, quando observamos a fala de um ex-presidente da Associação Rural e ex-prefeito:

"... Em todos os movimentos de desenvolvimento de Uberlândia, a Associação Comercial não tinha um lugar. Ela era sempre a promotora, muito mais que isso, era a criadora desses momentos".¹⁶

O sistema de exploração do trabalho, que propicia a produção de mercadoria excedente, foi o impulso que necessariamente colocou Uberlândia no circuito do mercado nacional para garantir-lhe a reprodução do capital aqui instalado. Para tanto, foi preciso que Uberlândia se interligasse aos grandes centros manufatureiros do país como também às regiões produtoras da região. Desta maneira, ao mesmo tempo que escoava sua produção e a da região, servia de ponto de abastecimento e intercâmbio comercial garantindo a acumulação e reprodução do capital.

... "Em vista de taes possibilidades, oriundas, em parte das suas indústrias, em parte, da fecundidade de suas terras, Uberabinha não podia deixar de ser hoje um empório comercial de primeira ordem".¹⁷

... O nosso comércio atacadista, sustentado pelo sudoeste goyano e pelos demais municípios que aqui fazem os seus suprimentos de mercadoria, a continuar como vae, será sem dúvida alguma, o fazer de Uberlândia uma verdadeira alfandega".¹⁸

Assim é que uma localidade isolada dos grandes centros mercantis e produtores do país no século XIX, em 1941 Uberlândia torna-se a cabeça do maior sistema rodoviário do país¹⁹ e em 1961, com a construção de Brasília, insere-se definitivamente na economia do país, tomando-se "ponto obrigatório" de entrecruzamento do sul, norte e nordeste com o centro-oeste do país.²⁰

15. SILVA, Antônio Pereira. 50 anos trabalhando com amor: ACIUB. Uberlândia, Gráfica Sabe, 1984, p. 41-43.

16. Antonio Pereira da SILVA, op. cit., p. 58

17. IMPRESSÕES de viagem. A tribuna. Uberabinha, nº 237, 30 Mar. 1924

18. Ramos JUNIOR, "Por Uberlândia". A tribuna, Uberlândia, nº 831, 30 Set. 1934

19. O MERCADO interno e o transporte. A tribuna. Uberlândia, nº 1.547, 07 Dez 1941

20. Zaire REZENDE, op. cit. p. 14.

Para que o projeto político de inserção de Uberlândia no mercado nacional se concretizasse, o primeiro passo do capital foi exercer a nível da política nacional, através do poder oligárquico, forte pressão para que aqui se instalassem, em 1896 os trilhos da Estrada de Ferro Mogiana. Dessa forma, a região se interligou definitivamente ao mercado industrial e comercial importador de São Paulo, sendo, a partir de então, o ponto mais extremo a oeste dos portos de Santos e Rio de Janeiro servido com a estrada de ferro.²¹ Já em 1909, o poder do capital aqui sediado tornou possível, através de sua força política a nível estadual e federal, a construção da Ponte Afonso Pena, interligando o Triângulo Mineiro, a todo o Sudoeste Goiano e a Mato Grosso.²²

Fazendo parte ainda desse projeto político, a Cia. de Auto-Aviação intermunicipal de Uberabinha, criada em 1912 com capital local, capaz de interligar todo o Triângulo Mineiro a Uberlândia e esta às grandes regiões do país.²³

... *"Como os antigos bandeirantes que com seus próprios recursos pertustraram o desconhecido interior, fazendo da ilha de Vera-Cruz a grande nação continental brasileira, os novos exploradores do século XX, pagando a terra os benefícios só d'ellas colhidos, rasgam seu seio virgem, de caminhos, na febril celeridade das projecções cinematographicas e vão gritar aos brasileiros que todo o interior da terra do Anhaguera já dista apenas cinco dias de Santos ou do Rio de Janeiro, ou de Bello Horizonte ou São Paulo".*²¹

*"Desde os tempos de Uberabinha que a cidade deslancha em cima da estrada. Atrás das picaretas e da pá, o caminhão foi levado à civilização e espantando o bucólico carro-de-boi. E as rodas que avançavam longe queriam mais e mais caminhos para que Uberlândia cumprisse os sonhos dos seus pioneiros e espalhasse pelos sertões goianos e mato grossenses o progresso com suas novidades chegadas da beira-mar".*²⁵

O ciclo do progresso de Uberlândia se completa quando da implantação da sua cidade-industrial. Uberlândia, como toda sociedade capitalista, busca no percurso de sua história se tecnificar e se enquadrar na era industrial, o que lhe é possibilitado concretizar na década de 60, quando da ampliação do mercado nacional e da descentralização industrial do grande eixo Rio-São Paulo. Uberlândia, com toda a sua base econômica sedimentada, encontra-se agora como ponto de convergência da marcha para o oeste. O seu sonho de cidade industrial se torna realidade.

21. Antonio Pereira da SILVA, op. cit., p.9.

22. PEZZUTI, op. cit. p. 29-30.
Antonio Pereira da SILVA, op. cit., p. 17.

23. PEZZUTI, op. cit., p. 29.
Antonio Pereira da SILVA, op. cit., p. 17.
Inácio Paes LEME. "Viação no Triângulo". A tribuna. Uberabinha, nº 49. 15 Ago. 1920

24. Inácio Paes LEME. "Viação no Triângulo". A tribuna, Uberabinha, nº 49, 15 Ago. 1920

25. Antonio Pereira da SILVA, op. cit., p. 41.

"A pouco tempo não passava de um sonho, no qual muitos não acreditavam, verdade seja dita. A cidade industrial existe.

Uma idéia arrojada. Quase incrível. Mas dentro do espírito uberlandense, de acordo com a dinâmica do trabalho dos bandeirantes desta grande terra.

Uberlândia é uma cidade sem fronteiras. Para a dinâmica de seu progresso inexistente a palavra impossível e já esta sobejamente provado que a cidade até agora só não conseguiu aquilo que não quis.

A cidade industrial funcionará em 1965".²⁶

Toda a história do capital local é a história da defesa de sua estratégica posição geográfica conquistada e garantida ao longo do tempo pela política local que fez inúmeros deputados estaduais, federais, governador do Estado, Ministro da Casa Civil e Secretários de Estado defendendo os seus interesses a nível nacional. Portanto, o progresso de Uberlândia não pode ser relegado à sua posição geográfica, mas atribuído à força do capital aqui existente e às formas de exploração do trabalho assalariado.

Porém, é claro que todo esse trajeto que a sociedade de Uberlândia percorre tem em sua contrapartida recusas, movimentos sociais organizados assim como manifestações "espontâneas" da multidão contra a exploração do capital. Se observarmos a imprensa de Uberlândia reconheceremos desde a recusa da mão-de-obra em se submeter ao mundo do trabalho às greves organizadas que pontilham sua história desde 1920²⁷ até hoje, como também o maior movimento de explosão da sociedade contra a exploração do capital intitulado Quebra-Quebra em 1959.²⁸

26. CIDADE Industrial. O correio de Uberlândia, nº 9.937, 18 Dez. 1964

27. Cf. VÁRIAS. A tribuna, Uberabinha, nº 31. 11 abr. 1920
VÁRIAS. A tribuna, Uberabinha, nº 34. 02 mai. 1920
A GREVE. A tribuna, Uberabinha, nº 49. 15 ago. 1920
A GREVE pacífica dos nossos operários do volante e classes conexas. A Tribuna, Uberlândia, nº 1.134, 01 set. 1937, p. 4.
CONTINUA a greve dos transportadores. O Correio de Uberlândia, nº 2.413, 01 jun. 1948
O MOVIMENTO uberlandense da greve dos bancários. O Correio de Uberlândia, nº 3.235, 06 set. 1951
A GREVE dos aeroviários. O Correio de Uberlândia, nº 3.304, 13 dez. 1951.
ENTRARAM os carreteiros em acordo com as autoridades. O Correio de Uberlândia, nº 4.141, 12 mai. 1955
GREVE de motoristas (no Rio das Pedras): movimento inconsequente. O Correio de Uberlândia, nº 4.490, 10 jan. 1957
GREVE dos bancários paralisa uberlândia. O Correio de Uberlândia, nº 9.260, 26 out. 1961

28. Foi muito bem estudado esse movimento num trabalho intitulado "Uberlândia 1959: A multidão em Protesto", desenvolvido na Universidade Federal de Uberlândia, orientado por Luzia Margareth Rago. Luzia Margareth RAGO (orient.). Uberlândia, 1959: a multidão em protesto. Uberlândia, UFU, 1982.

Além disso, percebemos também no discurso burguês que essa sociedade do trabalho não foi tão ordeira e pacífica como se pretendeu mostrar. A sociedade de Uberlândia desde os seus primórdios conhece a violência, o crime, o roubo, deixando entrever o temor que ameaça a propriedade privada. Pivetes, prostitutas, escritório do crime organizado, larápios, jogadores, mendigos e "corruptos" também fazem parte de sua história, povoam sua memória.

Como são inúmeros e quase incontáveis os artigos que se referem à violência, ao crime e a todas as espécies de marginalizados sociais determinados pela sociedade burguesa, só citaremos alguns a título de comprovação.

"... a jogatina desenfreada que se nota actualmente nessa cidade levando ao vício menores e operários, homens de negócios e desocupados. Como consequência dessa situação vergonhosa temos aqui o aumento espantoso da criminalidade, o desenvolvimento horrível da vagabundagem que infesta nossas ruas e tavernas, numa quadra, como esta, em que, todos que se queixam de crise de dinheiro, crise de trabalho, crise das crises".²⁹

"... nessa estatística, Uberlândia acha-se colocada em 1º lugar entre os 35 municípios que compõem a circunscrição da Delegacia Geral de Polícia do Triângulo Mineiro, em relação aos homicídios praticados nos anos de 1947 a 1950".³⁰

"... A Delegacia Regional convidou os Jornais para uma entrevista: o Dr. José de Alencar Rogado disse que não podia fornecer detalhes a respeito do escritório da morte, realmente existente aqui em Uberlândia e com filial em Tupaciguara".³¹

Em suma, Uberlândia como um exemplo de sociedade burguesa não poderia fugir à regra ao tentar escamotear os conflitos sociais e apresentar a sua história como a história da ordem e do progresso.

Acreditamos ser necessário revistarmos a documentação oficial para que seja conhecido o avesso da história, não poderemos jamais desmentir a evidência do progresso, mas poderemos discutir progresso a que preço. Não precisamos aceitar a alcunha de sociedade ordeira, laboriosa e pacífica, como se o progresso só fosse possível através da submissão. A constatação dos conflitos sociais e das várias formas de lutas explícitas, recusas e resistências observadas na história de Uberlândia nos permitem pensar o progresso como fruto do trabalho, mas também da exploração.

29. Ao Sr. Dr. Chefe de Polícia. A tribuna. Uberabinha, nº 59, 24 out. 1920

30. CABE ao comando da Polícia Militar de Minas a responsabilidade pelas deficiências do serviço policial de Uberlândia. O Correio de Uberlândia, nº 3.066, 06 jan. 1951

31. A POLÍCIA descobre um escritório de contratadores da morte. O Correio de Uberlândia, nº 3.806, 05 dez. 1953

Uberlândia conheceu, sim, o progresso, mas também conheceu as desigualdades sociais, o desmando político, a marginalização social, o crime, assim como conheceu todas as formas de recusa e resistência à exploração. Está aí a sua história, basta que a investiguemos com mais profundidade.